

Eneida de Moraes: Do Cotidiano ao Paraíso Perdido¹

Eunice Ferreira dos Santos²

1. CONFESSADAMENTE COMBATIVA

ENEIDA VILAS BOAS COSTA DE MORAIS, jornalista, poetisa, e cronista. Nasceu em Belém do Pará em 23/10/1904. Eneida foi criada numa época que a política fervilhava em Belém. Era a época de Lauro Sodré e Antônio Lemos. Deixou Belém, em 1930, para fixar residência no Rio de Janeiro, onde faleceu em 27/04/1971 e, conforme desejo dela, foi sepultada em Belém, sua terra natal.

Eneida estava sempre presente nos movimentos de reivindicação social. Participava de tudo, combatendo, protestando. E assim foi a vida inteira até entrar em coma: uma mulher que amou o Brasil profundamente.

Eneida, ativista social, escritora, jornalista, confessadamente marxista, liderava greves e movimentos populares, defendendo abertamente suas idéias. A arma usada era a palavra incisiva, contestadora, ora discursando, ora escrevendo para revistas e jornais.

Em 1927, começou a escrever – prosa durante a semana e versos aos domingos – para o *Estado do Pará*. Este jornal era considerado o paladino das forças revolucionárias da sociedade paraense. Eneida vivia o dia a dia da redação do jornal. Lá dentro fervilhava e se concentrava a reação ao sistema. Em 1930, publicou o livro *Terra Verde*, uma coletânea de versos em exaltação à Amazônia.

Quando Eneida entrou para o Partido Comunista, em 1932, o número de mulheres comunistas era muito pequeno e intelectuais propriamente não havia. Daí a série de prisões e o cerco constante em torno dela. Ao ingressar no partido Comunista, ela adotou o pseudônimo de Nat, sofrendo sua primeira prisão naquele mesmo ano, em São Paulo. Esta é a primeira de uma série de prisões que sofreu por combater o Integralismo e o Estado Novo. Foi presa onze vezes e perdeu vários empregos.

Com o fim do Estado Novo e arrefecida a perseguição aos comunistas, Eneida retomou, regularmente, suas atividades jornalísticas e literárias. Um de seus primeiros trabalhos, nessa nova fase, foi escrever para o jornal feminista *Momento Feminino* (1946) e participar da elaboração da *Revista Literatura*, que era

um meio de divulgação da luta comunista.

Em 1949, viajou para a França e de lá escrevia para o jornal *Diário carioca*. Em Paris, frequentou vários cursos de Literatura e, na volta ao Rio de Janeiro, em 1951, passou a escrever para o *Diário de Notícias*, assinando a coluna *Encontro matinal*, por quase vinte anos. Esta coluna era também assinada por Odylio Costa Filho, Fernando Sabino e Paulo Francis.

Ao lado da extraordinária participação social e política, através do jornalismo, Eneida desenvolveu profícua atividade literária, em publicações como *Aruanda*, *Banho de Cheiro*, *Cão da Madrugada*, *História do Carnaval Carioca*, *Caminhos da Terra*, *Boa Noite*, *Professor*, *Molière narrado para Crianças* (Versão de Jean-ne Ch. Normand), *Sujinho de Terra* (prêmio Literatura Infantil), entre outros.

Eneida introduziu a Literatura do cotidiano (crônicas) no jornalismo paraense. E o fez, habilmente, desnudando o cotidiano em gesto confessional de significado profundo. A mistura de imagens, fatos e emoções dão o tom poético às crônicas eneidianas.

As situações vividas pela cronista foram repassadas criticamente à obra. Primeiro no plano imediato da vida cotidiana para depois atingir ritmos temporais diferentes do tempo pessoal e histórico.

Algumas crônicas e textos memorialistas, inicialmente, foram publicados em jornais e depois repassados aos livros (por exemplo, *Cão da Madrugada*). Entretanto, mesmo no espaço do jornal, Eneida mostrou a relevância social daquilo que contava, transformando o trivial, o comentário ligeiro, em textos libertos da condição simples do circunstancial.

Os temas, apesar de universais e permanentes, extraídos de fatos plenos de emoções e de lirismo, são repassados ao leitor, através de coisas banais.

2. O COTIDIANO RITUALIZADO

O campo semântico da obra eneidiana gira em torno da luta pela igualdade social e a conseqüente busca

do paraíso perdido. O alcance do estado paradisiaco é precedido por um período de tribulações ocasionado pelo sistema dominante.

A narrativa segue um movimento cíclico, culminando em um passado sempre presente que deixa entrever a existência marcada por um eterno retorno.

O presente que recomeça sem cessar pode ser exemplificado pelas situações existenciais que Eneida descreve em sua obra. Tais situações são homônimas às que o homem vive, ainda hoje, às vésperas do terceiro milênio: o movimento cósmico marcado pela alternância presente/passado que vai culminar em etapas e momentos de passagem, marchas e atos de heroísmo.

Desse modo, a ritualização do cotidiano é construída a partir de um nível susceptível de ser vivido ritualmente. A passagem do rotineiro ao ritual determina um tempo mítico revestido pela ambigüidade: caos e cosmos.

O espaço sagrado (e urbano) – Belém e Rio de Janeiro – é projetado, simbolicamente, para uma visão transcendente: espaço metaforizado no torvelinho do cotidiano, onde o homem passa por uma longa seqüência ritual: moradia, liberdade, transporte, entre outros.

A freqüente recorrência ao dualismo passado/presente determina a circularidade dos acontecimentos relatados nos textos, principalmente aqueles que referem os anseios populares em busca de mudanças sociais¹. Eneida direciona o discurso, enfatizando a possibilidade de todos serem conduzidos ao novo, ao regenerado... antes da queda. Com isto, a escritora sugere um destino cósmico e coletivo processado por uma transição ritualística de renovação.

Visceralmente contra a qualquer forma de opressão, Eneida transfere para sua obra a aventura mítica da liberdade das massas oprimidas e desrespeitadas em seus direitos. Mostra a agonia coletiva a reclamar soluções sempre com esperança de obter transformação ou, talvez, uma situação social mitificada, entre dominados e dominantes, e expressa numa série ininterrupta de desafios e provas iniciáticas rumo ao paraíso perdido.

É freqüente o simbolismo da liberdade, através do mistério da iniciação: seja pela morte ou seja pelo sacrifício nas gestas do cotidiano: denúncias que vão desde a situação dos desempregados até questões de ordem moral. Entretanto, se por um lado a escritora registra, de modo contundente, as angústias existenciais, por outro lado ameniza a narrativa pelo efeito poético que provém da imaginária conquista do paraíso (quem sabe Aruanda!)

resgatado no âmago da História e em presença da tensão sagrado/profano.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAILLOIS, Roger. *O Homem e o sagrado* (Tradução de Geminiano Franco). Lisboa: Ed. Lda. 1988.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CASTRO, José Guilherme. *O Mundo lírico de Eneida*. Rev. Espaço Científico. Belém: UFPA, 1985.

CHAVES, Maria Anunciada. *Trópico, mulher e atualidade*. Rev. da APL. Belém, Vol. XXX, 1989.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. Lisboa: Ed. 70, [s.d.]

_____. *O Mito do eterno repouso*. Lisboa: Ed. 70, 1988.

GENNEP, Arnold. *Os Ritos de passagem*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1989.

LUKACS, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MIELIETINSKI, E.M. *A Poética do mito* (Trad. de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MORAIS, Eneida de. *Cão da madrugada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

_____. *Aruanda*. Belém: Secult/FCPTN, 1989.

_____. *Banho de Cheiro*. Belém: Secult/FCPTN, 1989.

PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. *Mito e literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alameda, 1981.

PEREZ, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. (1ª série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

TURNER, Victor W. *O Processo ritual*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1984.

¹ Ver aprofundamento desta temática in: SANTOS, Eunice Ferreira dos. *O Documento social em Cão da Madrugada: Caos e Cosmos* (Dissertação de Mestrado, 1994).

2 – Mestre em Teoria Literária
– Profa. Assistente do Centro de Educação/UFPA
– Vice-Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas "Eneida de Moraes", sobre Mulher e Relações de Gênero – GEPEM
– Membro do GT – "Mulher e Literatura" – GEPEM/CFCH/UFPA

¹ Veja-se, por exemplo, o tempo cíclico das greves ratificado no texto eneidiano, principalmente na obra *Cão da Madrugada* (1954).